

ILUSTRAÇÃO



AQUILINO RIBEIRO

NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA POR CÂNDIDO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Brasileira de Letras, da Real Academia Espanhola, da Sociedade Asiática de Paris, da Academia de Jurisprudência de Madrid, do Instituto de Coimbra, etc., etc.

14.^a EDIÇÃO (Actualizada na grafia e ampliada
com cerca de **25 mil vocábulos**)

O Novo Dicionário, redigido de harmonia com os modernos princípios da ciência da linguagem, e em que se contém mais do dobro dos vocábulos até agora registados nos melhores dicionários da língua portuguesa, é o mais actualizado, autorizado e completo

«O Dicionário de Cândido de Figueiredo, sucessivamente melhorado, ampliado e trabalhado pelo seu autor, é hoje, sem dúvida, o melhor dicionário da língua portuguesa; o mais opulento, o mais «vivo», e, tècnicamente, o mais perfeito.»

«Entendo que a solução dada ao problema pelos Editores do Novo Dicionário, enriquecendo e actualizando este instrumento de consulta, constitui um relevante serviço à linguagem portuguesa e uma homenagem prestada ao nome glorioso de Cândido de Figueiredo.»

JÚLIO DANTAS

«Tarefa ingrata e inglória a de organizar um grande dicionário. Poucos apreciam o trabalho heróicamente miúdo que ela exige; muitos se apressam a criticar com entono uma ou outra humana e inevitável imperfeição, e não se lembram de agradecer milhares de acertos pacientes e beneméritos. Tem-se por vezes notado que os que nunca fizeram nada são os mais pontuais em pôr embargos ao resultado do esforço de quem fez alguma coisa, e o melhor que pôde.»

AGOSTINHO DE CAMPOS

A obra completa **2 grossos volumes** no formato de 27×19 com **2 600** páginas

Encadernação luxuosa em percalina com lombada em pele gravada e títulos a ouro, Esc. **750\$00**

Pelo seu desenvolvimento é considerado este dicionário
verdadeiro monumento da língua portuguesa

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

EPÓSTO E
- Q. JAN. 1970

PROPRIEDADE
DA LIVRARIA
BERTRAND

REDACÇÃO E
ADMINISTRA-
ÇÃO: RUA AN-
CHIETA, 31, 1.º
TELEFONE: —
32 00 81/5

22-DEZEMBRO-1969
Número 366

Visado pela Comissão de Censura

Editor: LIVRARIA BÉRAND — Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua Henrique de Paiva Couceiro - Venda Nova-Amazonas

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director: DR. VITORINO NEMÉSIO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores a fim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

VOLTAIRE E PORTUGAL

por AQUILINO RIBEIRO

NUMA estrada do Minho há um ex-voto que reza assim: *Milagre que fez Nosso Senhor dos Aflitos a D. Miguel de Enfartauntos que, caindo de uma árvore abaixo, partiu uma perna quando podia ter partido as duas.*

Este nosso patricio é um digno discípulo de Pangloss, fundador da metafísica teólogo-cosmo-nigológica, segundo a qual tudo foi concebido para um fim necessariamente o melhor dos fins. Deste jeito, o nariz foi architectado para aguentar com os óculos, e por consequência usamos óculos. As pernas foram visivelmente talhadas para trazerem calças e por isso mesmo os alfaiates trataram de lhes adaptar tal indumentária. As pedras destinam-se a ser rachadas e trabalhadas à escoda, com o objecto de se fazerem castelos. Por essa transcendente razão monsenhor de Thunder é dono de um bonito solar. Na mesma ordem de ideias o barão mais barão da provincia tem direito a possuir o melhor edificio. Os porcos nascem para dar acepipes, eis porque comemos deles toda a roda do ano. Em virtude de todos estes factos, aqueles que afirmam que tudo está bem proferem uma rotunda tolice. Há que dizer: tudo está pelo melhor.

É imbuido desta filosofia, mais confortável que um casaco forrado de zebelina, que Cândido se encontra com o seu mestre Pangloss na cidade de Lisboa quando a terra lhes treme debaixo dos pés. O mar, na baía, ao mesmo tempo encrespa-se, cresce e despedaça contra os molhes os navios ancorados. Turbilhões de chamas e fumo enco-

brem ruas e praças. As casas desabam, os telhados viram de cima para baixo, os alicerces enterram-se pelo solo dentro. Trinta mil habitantes ficam esmagados debaixo dos escombros.

— Qual poderá ser a razão sufficiente deste fenómeno — perguntou Pangloss ao seus botões, mal recobrou os sentidos.

— É o fim do Mundo — exclama Cândido.

— As coisas são como são — responde Pangloss. — Tudo isto é ainda e sempre pelo melhor. Se há um vulcão por baixo de Lisboa, como diabo podia algum dia deixar de exercer a actividade? Mas não consumiu a urbe inteira.

Um familiar do Santo Officio, que ouvia, permitiu-se observar, com a mais perfeita urbanidade:

— Pelos vistos, Vossa Mercê não acredita no pecado original. Se tudo é pelo melhor, não houve queda nem castigo do homem...?

— Peço perdão — contestou Pangloss. — A queda do homem e a maldição integram-se perfeitamente no conceito do melhor dos mundos possíveis.

— Não cre então na liberdade?

— Alto aí, a liberdade pode muito bem conciliar-se com a necessidade absoluta. Era necessário que fôssemos livres. A vontade determinada...

Pangloss não acabou a frase. Estavam num botequim. O familiar fez sinal a um esbirro, que lhe servia um cálice de vinho do Porto, e levam algemados mestre e discípulo.

— Mas, irmãos, dêem graças a Deus e alegrem-se na sua admirável ciência

— prega o grande inquisidor. — Fomos hoje objecto da sua divina bondade. Sede-lhe reconhecidos porque deste modo vos desviou, por uma advertência paternal, do caminho da perdição. Foram destruídas três quartas partes de Lisboa, quando podiam ser todas e encontrarde-vos hoje no lugar onde só há terra e o ranger de dentes.

Os moradores perpassam alucinados, clamando pelos seus, gemendo e chorando. O inquisidor continua na parlenda:

— Meus irmãos, a cidade de Lisboa era uma outra Sodoma e Gomorra. Que luxo, que impiedades, que heresias! Dignou-se o Senhor dar-nos um sinal da sua cólera. E que sinal: um terramoto. *Vraiment, il nous a gâtés.* Agora ouvi: queimar cera não basta. Temos que queimar os hereges e quantos peccadores incardidos há nesta terra. Toca a preparar o auto-de-fé...

— Bravo! — berra o povo à volta. — Viva o grande inquisidor!

O capítulo seguinte é occupado pela procição do auto-de-fé, que Voltaire, com a licença mental de que sempre foi useiro e vezeiro, justifica desta sorte: os cidadãos de boa vontade não encontraram meio mais eficaz de prevenir a ruína total da cidade do que dando ao povo um belo auto-de-fé. Tinham a sanção do supremo areópago da intelligência. *Fora decidido pela Universidade de Coimbra que o espectáculo de algumas pessoas queimadas a fogo lento em grande cerimonia é um segredo infalível para impedir a terra de tremer.*

Em conformidade, agarraram de um biscainho convencido de ter casado com a comadre, de dois portugueses de se terem recusado a comer toucinho quando imolavam um frango assado, bem como o nosso doutor optimista com o discípulo, e vestiram-lhes o sambenito.

Todo este arazoado de Voltaire, além de anti-histórico, carece de menos verdade local bem como a ideia que fazia da Universidade de Coimbra. A seguir ao terramoto não houve auto-de-fé em Lisboa. Houve forcas pelos outros para enforcar os bandidos e os ladrões.

INDISPENSÁVEL EM TODAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo Dr. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

6.ª EDIÇÃO

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

INDISPENSÁVEL A TODA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual da Medicina Doméstica** é guia, é conselheiro indispensável para esse efeito. Nesta obra incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre**, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; enfim, esclarece uma infinidade de casos em que a aflicção e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a toda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA

EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

E assim, quando na ausência de médico, por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência, ou na sua falta, como no interior, e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA**, nele se encontrarão todos os conselhos, todas as indicações quer se trate de uma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 992 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina

Esc. 75\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75

